

EGLÊ MALHEIROS



MANHÃ
E OUTROS POEMAS

MANHÃ + REVISTA SUL + ESPARSOS + INÉDITOS + MANHÃ

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DOS 90 ANOS DA AUTORA

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

MANHÃ E OUTROS POEMAS

EGLÊ MALHEIROS

JULHO, 2018

Organizada por Sônia Malheiros Miguel

Edição comemorativa dos 90 anos da autora

Programação visual por Atiaia Sant' Anna Miguel

Capa inspirada na obra de

Carlos Scliar para a edição original de Manhã (1952)

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

EDIÇÃO
COMEMORATIVA **90** ANOS

EGLÊ MALHEIROS

MANHÃ E OUTROS POEMAS

04

PARA ABRIR,
DESFUTAR E
COMPARTILHAR

16

MORADORA
DO HOJE E
DO AMANHÃ

18

EGLÊ
MALHEIROS
COMPLETA
90 ANOS HOJE

20

BELEZA
INCONSÚTIL

23

MANHÃ: POEMAS
*Florianópolis:
Cadernos Sul II, 1952, 32p.*

59

PUBLICADOS NA
REVISTA SUL
Editada de 1948 a 1957

87

ESPARSOS

103

INÉDITOS

PARA ABRIR, DESFRUTAR E COMPARTILHAR

Manhã e outros Poemas é uma edição em comemoração aos 90 anos de Eglê Malheiros e reúne toda sua obra poética: o material publicado em *Manhã* (seu primeiro e único livro no gênero, de 1952), na *Revista Sul*, em coletâneas ou na imprensa. Traz também poemas inéditos, que estavam entre seus guardados.

O livro é resultado de uma produção caseira realizada com muito afeto, que envolveu filha e filhos, noras, netos e netas. O levantamento, garimpagem e organização de todo o material encontrado foi feito por mim, sua filha Sônia. Integram a publicação, além dessa apresentação, três textos: um da nora Regina Dalcastagnè, um do filho Luis Felipe Miguel, e outro do neto Jorge Luiz Miguel. E a programação visual é de outra neta, Atiaia Sant'Anna Miguel.

Organizar todos os conteúdos produzidos por ela – livros, ensaios, artigos e teses, entre outros documentos – colocou muita luz nos poemas e, por extensão, na pessoa coerente que sempre foi e continua sendo Eglê Malheiros Miguel.



Fotografia de Dezembro, 1946.
Florianópolis, SC.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

Nascida em Tubarão, Santa Catarina, em 3 de julho de 1928, desde cedo lida com marcas profundas em sua vida, como a morte prematura do pai, Odilio Cunha Malheiros, assassinado por motivos políticos na cidade de Lages, Planalto Serrano de Santa Catarina, quando ela tinha apenas quatro anos.

A mãe, Rita da Costa Ávila Malheiros ficou viúva aos 24 anos, com quatro filhos: Eglê, Ione, Elsa e Odilio (nascido fazia poucos meses).



Da mesma forma – e talvez por isso mesmo –, o escrever se coloca em sua vida desde muito cedo e o fazer política também, sempre na defesa dos despossuídos e lutando por um mundo mais justo, que ofereça oportunidades iguais para todos.

E o diferencial que muito nos orgulha, e a cada pessoa que teve a oportunidade de conhecê-la, é que Eglê comemora seus 90 anos de idade seguindo plenamente comprometida com essa visão de mundo.

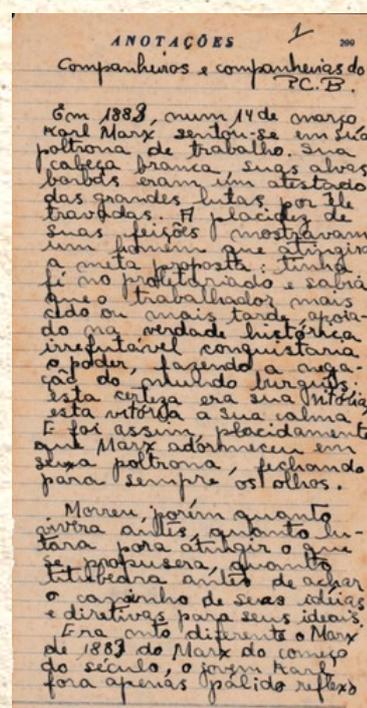
Seus primeiros contos foram escritos aos 15 anos, em um caderno que traz na primeira página um alerta: “Seria um enorme favor não abrir!”

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

Aos 16 anos, trabalho apresentado no Colégio Americano de Porto Alegre, quando cursava o 2º ciclo do secundário, tem como título A Arte de Imprimir e a Liberdade dos Povos. Nele já explicita o sonho de que “Dia virá em que a Imprensa, livre dos tiranos que a prendem ou usam contra os homens, unir-se-á aos outros meios, lutando unicamente pela liberdade dos povos”.

Aos 18 anos, integrando o Partido Comunista Brasileiro, escreve seus primeiros discursos, ainda à mão, defendendo de forma eloquente posições antifascistas no Brasil e no mundo.

Em um deles, no aniversário da morte de Karl Marx, faz um resgate detalhado de sua vida e ao final conclama:



“Combatamos companheiros, apoiados em Marx, os demagogos, os falsos amigos do Povo, homens que fazem lenda em torno de si, dizendo tudo dar quando na realidade tudo tiram. Lutemos contra os partidos que se dizem do operário e que na verdade só vão contra ele, e contra os falsos representantes do povo que trabalham contra ele na Assembléia Constituinte”.

Além da obra publicada em *Manhã*, o interesse pela poesia também se manifesta no estudo e pesquisa sobre Cruz e Souza, objeto de artigos, palestras e de *Vozes Veladas*, uma premiada peça em dois atos sobre sua vida e obra, escolhida pela União Brasileira de Escritores como melhor trabalho para teatro de 1996.

A crônica Cruz e Souza, publicada no *Diário da Tarde*, de Florianópolis, em 15 de janeiro de 1959, relata seu primeiro contato, ainda criança, com o poeta. Ao perguntar de quem era a estátua na praça pela qual passava, lhe responderam: “um poeta”. A isso se seguiu o comentário: “já morreu, era negro”. Ela registra:

“Estava encerrada a biografia de Cruz e Sousa e meu primeiro encontro com ele. Porém duas palavras se me fixaram na mente: — “poeta” e “negro”. Já andava a fazer meus versinhos (felizmente só para uso doméstico), lia em voz alta toda a produção poética que caísse nas mãos, de forma nebulosa senti-me sua companheira; por outro lado tinha sensibilidade bastante para perceber o quanto de desprezo cercava normalmente o conceito “negro”, e me espantei sabê-lo poeta e praça com estátua e tudo”.

A leitura e a escrita sempre estiveram presentes em sua vida, sendo um dos elementos centrais nas atividades do Grupo Sul, cujo intensa produção cultural – literatura,

teatro, cinema, artes plásticas –, no período de 1947 a 1957, ultrapassa as fronteiras de Santa Catarina e do próprio Brasil. O grupo inclui seu companheiro de toda as horas, Salim Miguel, e uma série de outros importantes nomes como Armando Carreirão, Silveira de Souza, Ody Fraga, Antonio Paladino, Aldo Nunes, Walmor Cardoso da Silva, Adolfo Boos Jr, Aníbal Nunes Pires, Archibaldo Neves e Hamilton Ferreira.

A *Revista Sul* é um dos canais mais importantes da iniciativa, contribuindo para a publicação de dezenas de contos, crônicas e artigos, tanto de autores novatos como daqueles já conhecidos.

Essa mesma lógica, de abrir espaço para novos nomes, seria adotada anos mais tarde pela revista *Ficção* (1976-1979), que Eglê edita com Salim, Fausto Cunha e o casal Cícero e Laura Sandroni.

Para além dos poemas, outros textos de seu próprio punho começam a surgir nas páginas da *Revista Sul*, depois se estendendo por diversas publicações catarinenses e de outras regiões do país.

O respeito a grandes escritoras, escritores e poetas fica claro em *O temor do primeiro encontro*, crônica publicada em 17 de agosto de 1988, no jornal *O Estado*, de Florianópolis, sobre a visita que faz a Carlos Drummond de Andrade, ainda nos anos 1950, com outros integrantes do Grupo Sul. Anos mais tarde (2003 e 2004), no jornal *Diário Catarinense*, ela mantém uma coluna semanal, de crônicas sobre temáticas variadas.

O temor do primeiro encontro

Eglê Malheiros

Quando nós, jovens de Sul, fomos ao Rio de Janeiro (primeira saída de Florianópolis para a maioria, primeira visita à capital da República para todos) um dos objetivos era estabelecer contacto com o mundo intelectual. Empunhávamos nossa Revista e, com o desassombro próprio da juventude, enfrentávamos os "grandes nomes". Verdade que tínhamos embaixadores que nos facilitaram a aproximação: Marcos Rebelo, Pascoal Carlos Magno, Jorge Lacerda.

Timidos e confiantes, embora os objetivos possam parecer antagônicos, recebemos uma dose de incentivo e carinho que muito nos ajudou a levar adiante a luta cá na terrinha.

Lembro-me de ter conversado à vontade com muita gente, porém diante de duas pessoas emudeci: Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade.

"Temor reverencial", essa a expressão que se usa em Direito para qualificar aquele receio de aproximação, aquele respeito que não permite a intimidade que iguala, nascido não da repulsa ou do medo e sim da admiração e aceiteamento indiscutido de quem o suscita.

É difícil recuperar, para os moços de hoje, o que representou o Poeta, na década de 40, com seu *A rosa do povo*. E lá estava ele, alto, magro, sereno, em seu pequeno gabinete no Ministério da Educação. Falando com a gente, indagando de nossas vidas, lendo o que produzíamos. Tudo o que eu preparava para dizer-lhe ficou na garganta. Não ousei traduzir em palavras o que talvez transparecesse em meu olhar.

Penso, enquanto escrevo agora, na pequenez teórica de se querer aplicar mecanicamente as categorias de Bourdieu e classificar Carlos Drummond de Andrade como um burocrata a serviço do sistema.

Funcionário público modesto e responsável, era igual a milhões no Brasil, trabalhador que com sua labuta ganha o pão de cada dia; mas quando criava, transcendia a tudo isso, e contribuía sempre para que nos sentíssemos mais humanos.

Os anos passaram, mas continuo a me sentir a adolescente tímida diante do Poeta. Que até o fim da vida sempre suscitou em mim a admiração e o respeito que só se dedica a uns poucos. Àqueles de quem a gente almeja ser digna de merecer a afeição.



De esquerda à direita, Jorge Lacerda, Drummond, Pedro Taulois, Osvaldo Goeldi, Dante Ravaglio, Eglê Malheiros, Salim Miguel, Odi Fraga e Simeão Leal

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

No campo do cinema, escreve com Salim Miguel o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense de ficção, "O preço da ilusão" (1958) e os roteiros para as adaptações de "A cartomante", de Machado de Assis (1974) e "Fogo morto", de José Lins do Rego (1976).

A literatura infantil ocupa um diversificado espaço em sua vida: escreve e reflete sobre o tema, ocupa o cargo de diretora executiva da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e, como autora, publica *Desça Menino* (1985) e *Meus Fantomas* (2002).

Como tradutora de francês, inglês, alemão e espanhol, entre outros trabalhos é responsável por trazer para o português *A Coragem de Ser*, de Paul Tillich (Editora Paz e Terra, 1967), *Knulp*, de Herman Hesse (Ed. Civilização Brasileira, 1971) e *A Mulher Eunuco*, de Germaine Greer (Ed. Artenova, 1971).

A paixão pela educação, por sua vez, é exercida/concretizada de várias formas. Em 1946, aos 18 anos, Eglê estreia professora no Grupo Escolar Rui Barbosa, em Joinville; e, a partir de 1948, assume o cargo de Lente, no Quadro Único do Estado, para lecionar História Geral, História do Brasil e História de Santa Catarina no Instituto de Educação Dias Velho, em Florianópolis. Na gestão educacional, em 1985 atua como Secretária de Educação de Florianópolis, durante o governo de Aloizio Piazza.

Sua coerência na luta prática pelas liberdades e contra as desigualdades desde cedo cobra custos pessoais. Em 1952, Eglê e mais dois colegas professores (Anacleto Damiani e

José Martins Neto) solicitam que se “proceda a um inquérito administrativo dentro do Instituto para que fique esclarecido a quem cabe a responsabilidade dos boatos que circulam a respeito dos requerentes, afirmando-se mentirosamente que os mesmos fazem propaganda partidária na classe”.

Em 1964, no primeiro momento da ditadura militar, é detida por alguns dias e, em seguida, colocada em prisão domiciliar por cerca de três meses. Em 6 de abril, o Governador do Estado de Santa Catarina, num texto sumário de quatro linhas (Decreto Ref. 366), resolve afastá-la do cargo no Instituto de Educação. Eglê, em ofício encaminhado ao próprio mandatário, “protesta contra a violência de que é vítima” e requer que este “se digne a determinar que lhe seja comunicado em ofício a causa de seu afastamento afim de que possa tomar as medidas cabíveis”.

Em 26 de junho do mesmo ano apresenta contundente defesa, dirigida ao “Senhor Presidente da Comissão Estadual de Investigação, instituída pelo Decreto nº 1.4012”. Inicia questionando o significado do termo “subversivo”, que depreende ser o principal motivo da acusação (“ter praticado ato subversivo”) e critica os principais documentos que constam dos autos do inquérito (ficha do DOPS, Inquérito Administrativo de 1952, o novo inquérito com depoimentos de pessoas chamadas pela comissão e Documento do IPM).

As atividades citadas na ficha do DOPS são bastante elucidativas da sua atuação política: de 29 de junho de

1951, temos a anotação de que “a indiciada é 1º Secretário do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo”; em 21 de julho de 1952, que “esta participou do IV Congresso Brasileiro de Escritores”; datas do ano de 1954 registram na ficha que “defendeu presos políticos em Brusque” e assinou “lista a ser encaminhada ao Tribunal Superior Eleitoral pedindo o registro do Partido Comunista Brasileiro”.

Em suas conclusões, Eglê aponta que, analisados os documentos constantes dos autos, chega-se à pergunta: qual razão poderia justificar qualquer tipo de sanção contra a indiciada? E afirma: “Nenhuma, a menos que se alegue as ideias da indiciada; as quais ela nunca escondeu”. Nesse sentido, sustenta:

“O crime de ter ideias diferentes das oficiais é elástico e imprevisível, hoje enquadra o que se convencionou chamar de comunistas, subversivos, esquerdistas; amanhã poderá enquadrar pessedistas, petebistas, udenistas desde que não afinem com o pensamento de determinado grupo restrito”.

Ao final, após uma análise crua dos interesses que levaram ao golpe de 1964, destaca que os acontecimentos demonstram claramente o fator responsável por gerar as crises políticas e sociais do País: “não é a subversão, mas uma estrutura obsoleta, defendida por privilegiados”.

Mas a defesa é em vão e o Decreto Ref. 1.103, de 18 de julho de 1964, reafirma a decisão tomada pelos

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

perpetradores do golpe e a coloca “em disponibilidade”, sendo impedida por 16 anos de fazer o que mais lhe trouxe prazer e alegria na vida: estar em sala de aula.

Sua mãe, Rita Malheiros, funcionária do Departamento de Correios e Telégrafos, em Florianópolis, também sofre perseguição da ditadura. No Inquérito Policial Militar a que deve responder – acusada de ser “subversiva e comunista” –, entre as “culpas” citadas está a de ser “mãe da líder atuante e denunciada Eglê Malheiros”.

Eglê termina sendo beneficiada pela Lei de Anistia (Lei nº 6683, de 28 de agosto de 1979) e, no ano seguinte, por meio de ato promulgado pelo Governador do Estado (Ato nº637, de 14 de maio de 1980), reassume seu cargo no Instituto. Exerce o magistério por mais alguns anos, antes de aposentar-se.

Mas a luta era contínua. Como parte de sua militância, em 1986 foi candidata a constituinte pelo Partido Comunista Brasileiro. A plataforma que propunha fazia referência à necessidade de enfrentarmos questões estruturais da desigualdade, como o racismo e o sexismo, com uma educação transformadora.

Eglê Malheiros
2360 Deputada Constituinte

Maria Ilse
23120 Deputada Estadual

Educação para a Transformação

- Pela ensino público, gratuito e de qualidade.
- Pela aplicação do Plano Estadual de Educação.
- Pela criação de moradia estudantil.
- Igualdade de direitos para as mulheres.
- Garantia à maternidade e à infância.
- Por uma reforma agrária ampla e coletiva.
- Contra a discriminação racial.
- Por uma medicina socializada.
- Em defesa da cultura popular.
- Pela proibição à utilização de agrotóxicos organoclorados, prejudiciais à natureza e à saúde.
- Pela paz e pela vida, contra a tortura.
- Pelo Socialismo.

PCB

Vote Legal

PCB na Constituinte
Por Democracia, Paz e Socialismo.

Deputado Federal

- 2310 — AMADEU HERCULIO DA LUZ
- 2302 — ANTONIO CARLOS NASCIMENTO
- 2324 — CELSO MARTINS
- 2362 — EGLÊ MALHEIROS
- 2370 — MALDA MARLY BRAYF
- 2382 — MARLENE ASSIS DOS SANTOS
- 2338 — MILTON MUNIZ
- 2330 — PINHEIRO CESQUE
- 2342 — RENEY FONTANA
- 2322 — VILSON ROSALINDO

Deputado Estadual

- 2324 — ADILSON CÉSAR BORGES
- 2326 — ANILTON ALEXANDRE
- 2327 — ANTONIO ALVES DE FIORENTINO
- 2304 — ANTONIO COSTA
- 2320 — ARNOLDO ROSA
- 2321 — EDUARDO SCHNEIDERMAN
- 2312 — INOCÊNCIO BRANDES
- 2313 — JOÃO DA AGUIAR NETO
- 2311 — JOÃO CARLOS SILVEIRA DE SOUZA
- 2328 — LUZ HENRIQUE GRANDINO
- 2319 — MARIA ILSE ZAGGI
- 2315 — MARLENE SOCCAS
- 2340 — NILDO MARTINS
- 2325 — ODIR NEUMA
- 2318 — ROBERTO COLOMBO
- 2306 — ROMEU GERALDO RIOS
- 2322 — BERGO GRANDINO

Por uma Constituinte

- Democrática
- Soberana
- Livre

Vote nos candidatos do PCB

i legal!

PCB

PCB - Partido Comunista Brasileiro
Rua 1 - Vila do Centro - Florianópolis - SC

Bacharel em Direito (1951), professora de História, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980), Eglê Malheiros foi e continua sendo uma mulher com múltiplos e amplos interesses e habilidades, entre eles sua eterna delicadeza com todas as pessoas que a cercam e seu eterno senso de justiça.

A seu lado, em boa parte dessa história esteve seu companheiro de vida, Salim Miguel, que faleceu em 2016, aos 92 anos.

Importante acervo que reuniram ao longo dessa jornada foi doado para a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e está hoje acolhido no *Espaço Eglê Malheiros e Salim Miguel*, inaugurado no dia 28 de novembro de 2013. Ali estão preservados – e disponíveis para consulta, estudo e pesquisa – cerca de 9.300 livros, 267 títulos de revistas, documentos e objetos pessoais.

(website: <http://www.faed.udesc.br/?id=1095>)

O espaço, gerenciado pelo Centro de Ciências Humanas e Educação (FAED), ocupa o antigo prédio da Faculdade de Educação, na praça Getúlio Vargas (centro de Florianópolis), e é aberto à comunidade em geral. Com regularidade, ali acontecem eventos públicos.

Os Saraus Literários, por exemplo, vêm reunindo palestrantes de renome – entre os quais a professora Luciana Rassier, do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), hoje em dia a mais conhecida estudiosa da obra de Eglê e Salim.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS



16 de Abril, 2006.
Restaurante Restinga, Sambaqui, Florianópolis, SC.

Fotografada por Paulo Sérgio Miguel

Se nesse momento Salim não mais se encontra perto de Eglê, aqui estamos nós: seus filhos Vivarta (João José), Antônio Carlos, Sônia, Paulo Sérgio e Luís Felipe; noras Luciana, Kati, Lara e Regina; netas, netos e seus companheiros Atiaia & Michael, Felipe & Isabel, Marlon & Julia, Thais & Bruno, Yuri, Jorge Luiz, Francisco e Lara, e suas duas bisnetas, Clarice e Sofia.

Por Sônia Malheiros Miguel

MORADORA DO HOJE E DO AMANHÃ

***"Eu quero que minhas palavras
Sejam o eco de outras mil vozes"***

Eglê Malheiros não é uma poeta profícua. Publicou um único livro, em 1952, chamado *Manhã*, e compartilhou alguns poemas na *Revista Sul*, em jornais e coletâneas, além de povoar cadernos e, especialmente, folhas soltas com seus versos em caligrafia bonita e quase sem rasuras. A literatura tomou seu tempo de muitas outras formas, no teatro, no cinema, na edição de revistas, na produção para crianças, na tradução, na revisão, na reflexão crítica sobre a realidade brasileira. Mas, ao ver seus poemas reunidos, é difícil não perceber o quanto revelam dela própria e de sua trajetória, incorporando memória, afetos, desejos, sonhos de justiça.

Produzidos em diferentes idades e em diferentes momentos da história do país, os poemas trazem preocupações que nunca a abandonaram, como a vida sofrida dos trabalhadores e daqueles que ousam juntar-se à sua luta e levantar a voz em sua defesa, por exemplo. Mas oferecem também um olhar sensível sobre o mundo ao seu redor, com atenção ao detalhe humano e aos pequenos movimentos da natureza: manhãs de sol, céu azul, pássaros que se agitam nas árvores, maresia que se infiltra pelas frestas, crianças passeando com os pais nas ruas ou crescendo na barriga da sua filha.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

Há nesse conjunto um variado universo de referências que poderiam parecer contraditórias entre si, mas que se completam. Afinal, o bom combate envolve o direito de todos viverem a vida em sua plenitude. Daí os poemas sobre revolução ao lado daqueles dedicados à reflexão sobre a solidão e outros desalentos mais comezinhos, ou dos versos de amor, meigos e sintomáticos de sua potência: “E depois/Um riso teu,/Um muxoxo meu,/A discussão em torno de um pronome,/As tardes passadas entre papéis,/As noites ao pé da eletrola”.

São poemas habitados por imagens e emoções, que convidam o leitor, generosamente, a ver junto, acompanhando histórias que estavam se fazendo então, ou projeções para um futuro que não chegou. A luta por liberdade, paz, igualdade se oferece em seus versos, assim, como um legado para as novas gerações, um presente que nos fala da dignidade e das alegrias da resistência. Uma resistência que se constrói a todo instante e sempre: “Quando um dia/Tudo já não for/Quem sabe eu reencontre/As horas de riso e luz/O calor de um abraço/ Que me faça viver por inteiro/Pés sem âncoras/Alma sem ódio/Liberta do ontem/Moradora do hoje e do amanhã”.

Por Regina Dalcastagnè

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

EGLÊ MALHEIROS COMPLETA 90 ANOS HOJE



1 de Fevereiro, 2014. Florianópolis, SC.

Fotografada por Regina Dalcastagnè.

Quando eu era garoto, gostava de levar meus amigos em casa para exibi-la. Tendo sido afastada do cargo de professora pelo golpe de 1964 e forçada, com Salim, a uma espécie de exílio interno no Rio de Janeiro, trabalhava em casa. Fazia traduções de diversos idiomas e colaborava com verbetes para enciclopédias – por convite de Antônio Houaiss, que contribuía desta maneira para garantir a sobrevivência de perseguidos políticos, que não conseguiriam o “certificado de bons antecedentes ideológicos” que a ditadura exigia para muitos empregos.

Paciente, aceitava as interrupções da molecada e respondia as nossas questões. Aos nossos olhos, seu conhecimento parecia não ter fim: história, literatura, línguas, mas também as ciências naturais, já que sua curiosidade intelectual sempre foi onívora e ela sempre gostou de ler sobre os avanços da astronomia ou da medicina. Não é um traço de caráter bonito para ser confessado, mas eu gostava de perceber a inveja dos outros meninos, cujas mães podiam ser ótimas, mas eram “normais”.

Devo confessar também que, de toda essa sabedoria, não retive quase nada. Mas espero ter aprendido o principal: o compromisso com a luta por uma sociedade justa, em que a exploração seja abolida e mulheres e homens possam ser livres. O compromisso que, como comunista e como feminista, Eglê mantém até hoje.

Por Luis Felipe Miguel

Texto original publicado no Facebook do autor em 03 de Julho, 2018.

BELEZA INCONSÚTIL

Ao ler os poemas de minha vó, encontro de outra maneira alguém que está sempre perto e, no sentido mais concreto da ideia, faz parte do meu coração.

O compromisso com o próximo, que é humano como eu; o anseio pelo amor, e seu encontro; a abertura para a beleza, encontrada tanto nas obras de arte quanto nos instantes vividos, aos quais podemos prestar atenção; a busca pela paz e sua celebração. O ódio às injustiças e a tenaz esperança de um futuro onde elas sejam extintas. O horror ao desperdício de vidas humanas, a solidariedade aos que têm fome, aos que vivem a miséria. A crença na luta, praticada e comprovada como virtude transformadora, vida em movimento, fonte de esperança. As bandeiras vermelhas - "rubras". A tristeza e as mágoas, as alegrias passageiras bem aproveitadas, o amor e a amizade duradouros.

Tudo isso está nesses poemas e foi isso também que, pelo seu calmo exemplo e com sua constante ternura, ela me transmitiu. Quem me ensinou palavras e sentimentos, que foram tijolos na construção de um coração, não podia estar mais transparente nessas páginas. Cristalina.

Claro que não pode ser como ler uma poeta que eu não conheça. Pelo valor dos poemas, e pela vida que vemos neles.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

*"É nada:
Como tardes de glicínias machucadas
Chorando perfume.
Coisa nenhuma:
Igual à sensação do sol
Na carícia trocada com o cinamomo."*

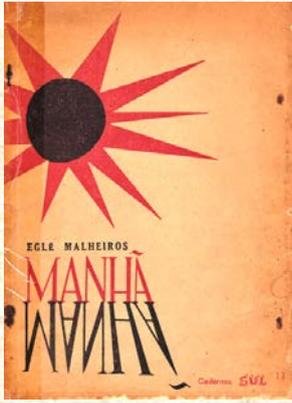
Nossa vó sempre me ensinou palavras.

Dessa vez, foi **inconsútil** e **glicínias**,
que eu supus serem flores - eram mesmo.

Glicínias são mais ou
menos assim:

*Texto e ilustração por
Jorge Luiz Miguel*





'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

MANHÃ

POEMAS

Florianópolis: Cadernos Sul II, 1952, 32p.

-
- 24 Poema para meu pai
25 Assim será meu canto
26 Consciência
28 Alguém numa cidade
30 Quando não vens
31 Há poesia em meu quarto
32 Oferenda
33 Poema
34 Gesto
35 O rosto e a máscara
37 Talvez eu queira cantar
39 Quase mensagem
40 Fim
41 Viagem dentro de mim mesma
43 Confissão
44 Presença
45 Revolução
46 Instante
47 Poema para meu irmãozinho morto
49 Canção marítima
50 A Belloyanis
51 Suave poesia
52 Silêncio
54 O patrão
56 Manhã

POEMA PARA MEU PAI

Foi bem cedo,
O orvalho era pérola por sobre a verdura,
Em notas silentes na garganta dos pássaros
Inda dormia a manhã.
Tiraram-te a vida e minha alegria

Eu tinha quatro anos e a infância se acabou.

ASSIM SERÁ MEU CANTO

Eu quero que minhas palavras
Sejam o eco de outras mil vozes,
Que da minha boca saia um canto de união,
O que eu disser de suave
Terá o amor do que me foi negado,
O que eu cantar de lindo
É o que deverá ser conquistado.

Que o meu canto seja áspero e cruel,
Verdadeiro e leal,
Que ele seja gemido sublimado
E ódio construtor,
Que ele espelhe a história ciclópica
De um povo em luta,
De um povo em marcha
É o meu desejo enfim.

Meu canto – canto de mocidade
Lira do povo,
Palavras do hoje e do amanhã.

CONSCIÊNCIA

Esse caminho único que amarra, que prende,
Um só pensamento,
Aniquilação;
Fantasmas sempre os mesmos,
Gemidos que até enervam
Num egoísmo que quer ser dedicação;
A música repetida das neurastenias
A paisagem estreita da autocontemplação.

Veio lentamente,
Através dos vidros,
A imagem doutras terras, o som doutro cantor,
O suor, o sangue, o sonho doutra gente;
A angústia de querer
Um frêmito de vida,
O calor, o palpitar do viver universal
E sentir sob os dedos o empecilho transparente
Que é uma proibição.

Dei um soco na janela,
Deixei que fosse confuso
O panorama interior,
Veio o tango, veio a rumba
Veio o capricho e a sonata
Caymmi, Beethoven, samba,
Macumba da mente
Em candomblés infernais.

• • •

O choro de todos que choram
Lavou o limo do Eu,
Cantei como os que cantavam,
Encontrei por que lutar.
Um pouco em tudo,
Nunca num porto só
Escancarei a imaginação,
Tentando ser compreensiva,
Procurando me dissolver
Para me realizar.

ALGUÉM NUMA CIDADE

Alguém chegou
E foi tragado
Pela cidade
O caos
Da organização de tudo
O absorveu
E alguém ficou
Estraçalhado
Sendo em tudo
E não sendo em nada

Os gritos seus
De desespero
Multiplicados
Repetem os bondes
A uivar na noite
Na noite escura
Em que as luzes
São pontos de exclamação
Para o negror

Alguém faz as viagens
Sem nexos, sem rumo
Fugindo de si
Encontrando a si mesmo
E devora a noite
Enquanto ela o come
E sente clarões de velório
Na alvorada

• • •

Os sonhos mil
Que alguém já teve
Ficam no espaço
Piscando ondeantes
E lá do alto dos edifícios
Para pegá-los
Só se jogando
No escuro imenso
Para os roçar
Num doce instante

Toda a beleza
A que se aspira
Ânsia do belo
Que todo o mundo
Um dia sente
Alguém deixou
Espicaçada
Nos instantâneos
Impressionistas
De luz e sombra
Grandes e humildes
Frangalhos vivos
De um ideal desfeito.

Alguém chegou pra trabalhar
Sonhando vida
Sonhando amor
Mas a cidade o absorveu
Por isso sempre há nela
sempre
Um grito sonho, trabalho, dor.

QUANDO NÃO VENS

Afasto a cortina
Na esperança de te ver surgir,
Mas tu não vens.

Não virás hoje,
É certo,
Mas eu te espero.
Não te verei,
Mas no desejo de tua presença
Chego a te sentir junto a mim.

Quando não vens
Sinto ânsias de correr pra ti
No medo instintivo
De que não voltes mais.
Não te vejo
E a mesma solidão sozinha
Que sentia antes de chegares
Volta a existir.

A mesma sensação
De disponibilidade
De existência irrazoável
Se avoluma
Quando não vens.

HÁ POESIA EM MEU QUARTO

Pela janela entra um pedaço de vida
Na chuva que cai,
No vento possesso
Que dança macumba,
No sino que bate chamando ninguém.

Pedaço de vida,
Estrivilho pra vida de meu quarto,
Surdina para a poesia
Que há em tudo,
Em todas as coisas,
Sob a aparência falsa
De inanição.

Poesia dos livros,
Na beleza dos conhecidos,
Na promessa dos que estão por ler;
Encanto dos papéis rabiscados
Com pedaços de mim mesma
Recortes de meu sonhar.

E os meus "recuerdos",
Tolices valiosas
Lembrando o que não se esquece jamais;
Retratos dos entes queridos
Alguns afastados, longínquos,
Acenando do impossível,
Mas bem perto de mim.

E a tua presença
Nas paredes brancas povoadas de sonhos,
Na mesa em que escrevo,
No ar que eu impregno
De pensamentos por ti.

OFERENDA

É tão pouco:
Os gritos tantos,
A fome e o desespero.

É nada:
Como tardes de glicínias machucadas
Chorando perfume.
Coisa nenhuma:
Igual à sensação do sol
Na carícia trocada com o cinamomo.

Sei de tudo
Na compreensão instintiva
Das dores da terra;
Sou sofrimento sou
Ódio
Só ternura
Serei um dia.

A minha oferta,
Tão pouco,
É a presença da beleza.
Quase nada:
É canto que sorri
Em lábios ressecados,
É alegria
Que ajuda a vitória.

POEMA

Coloquei de lado
A mente exausta
E ela se perdeu em turbilhões;
Perdi meu canto
E o corpo tolo,
Desorientado,
Ficou na terra
Chorando exangue.

Deslizaram por mim centenas de mundos
E passos marcaram a calçada
De rastros sem rumo,
Calcando por terra meus sonhos.

Me contemplei,
E tive pena de mim,
Velha de todas as velhices,
Esperança frustrada de todas as juventudes

Depois
Senti asco
De meu próprio eu.

Pesquei meu cérebro no sumidouro,
Abracei o meu cantar,
Pesado de lágrimas
E de sonhos defuntos,
E da ilha isolada
Bradei por Irmãos.

GESTO

E suas mãos acenaram
Num gesto de adeus
Que mais era procura
Procura de uma razão de ser.

O gesto ficou esparso
Imerso
Em todo o universo.

O ROSTO E A MÁSCARA

Por detrás das convenções
E da expressão estabelecida,
A ternura.

Ondas infinitas
Dessa imensa e desolada ternura,
Mais desconsoladora.
Que o ódio,
Que o revoltado desespero.

A face,
Luta e pensamento,
procura desvairada
De uma explicação,
Solução...
Resposta...
Para si... para o mundo
E um louco,
Um ardente
Desejo de paz.

O rosto desnudo,
De raciocínios e axiomas,
O desejo triste, onipresente
(Melancolia do inatingível)
De ternos anseios
Que o homem sonha
Mas não se diz.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

No recesso
Do mundo íntimo
Os doces, quase infantis
Inconclusos
Gestos de carinho;

O homem sem máscara
Um punhado de ternura,
Um grito alucinado
Por calma e paz.

Poema publicado também na Revista Sul, Ano II, número 10, dezembro de 1949, contracapa.

TALVEZ EU QUEIRA CANTAR

Há calma em tudo
Na aragem fresca
No meneio sutil do “flamboyant”
No rádio que toca valsinha banal

Calma é tão raro
Causa estranheza
Não sentir angústia
Ter a mente leve
Pensar de manso
E com amor
Em todas as coisas

Há calma
Apesar das tragédias
Que geme a novela
Num exagero radiofônico
Há paz
Embora de um instante
E tudo se impregna
Da doce alegria de ser

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Talvez eu queira cantar
Mas não o momento de agora
Que sinto, vivo
Mas não descrevo
Sentei-me para falar
De outro assunto
De outra gente
Mas o sossego
Me impregnou
E aqui estão as palavras
Que nem de longe espelham
Um calmo, manso instante,
Talvez agora
Já por mim perdido...

QUASE MENSAGEM

Texto escrito em 1949.

Dizer as palavras
Bem de manso
Bem de leve;
Confiar o pensamento
Que não chega a ser mensagem
E depois ir
Viver o pensamento
Vida de sonho
Sonho realidade.

Dizer as palavras
Bem de manso,
Clarão de alvorada
No intelecto,
Acalanto pro órfão,
Pão para o faminto,
Liberdade pro cativo,
Bem de leve,
Sussurradas,
Luminosas,
Pensamento silencioso
Que estoure em realização.

Dizer as palavras,
Dizê-las,
Bem de manso,
Bem de leve,
E sendo nelas
Desaparecer.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

FIM

Texto escrito em Maio, 1950.

PARA ANTÔNIO PALADINO

Nós
E ele
Sozinhos
Uma dor anestesiando o cérebro
E ele já sem dúvidas no rosto despido de sonhos.

Paradas
As mãos famintas de beleza.
Silenciosos
Os gemidos, os cantos e o último desespero.

Era descanso:
O vento acariciava em sussurros o corpo adormecido,
Porém
As árvores e o céu
A alegria indiferente da tarde de maio
O cheiro de sol
O vermelho da flor
Falavam de vida e juventude.
E a mocidade, que mal começar a ser
Véspera de destruição,
Proibia
Qualquer vaga tentativa de consolo.

Poema publicado também na Revista Sul, Ano V, número 17, outubro de 1952, página 19.

VIAGEM DENTRO DE MIM MESMA

Me decidi:
Arrumei a bagagem
Para a longa viagem
Dentro de mim mesma;
Preparos simples,
Vestes rudes,
Jeito despreocupado
De quem visita um amigo,
Hesitei em levar
Os sonhos,
Larguei a um canto
O pouco saber
E me fui.

Infância
Sempre a infância
No tempo inconcluso,
Na esperança falhada,
Se assoberbando
Tomando fronteiras
Do hoje e amanhã.

• • •

Desfilaram
Os entes amados,
Homens e bichos
Que eu sepultara,
E quem sabe
- Me lembrei -
Uma saudade
Que sinto às vezes
Nem sei de que,
Seja das bruxas
De trapo velho
Que eu perdi...

Todo o estudo,
Verniz de civilização,
Nada importava;
Dentro de mim
Como era bárbara
E primitiva,
Querendo a todos,
Odiando a todos
Que não amavam.

Voltei da viagem
Ainda no meio,
Voltei bem pobre,
Trazendo comigo
Somente
Os olhos
E um pouco de compreensão.

CONFISSÃO

Eu sinto a boca amarga
E as palavras de ternura
Saem torturadas.

Não é minha culpa,
O coração
Não pode expressar
Carinhos.

Medo
Quase animal
Pelos homens e pelo mundo,
Mas além existe beleza
E havemos de construir a paz.

PRESENÇA

A noite é de calma:
Não vejo paisagem,
Não escuto rumor.

Aqui no meu quarto
Jazem os livros
Porém eu não sou
Na noite parada.

No sangue da terra,
No sol de amanhã,
Bem calma, exultante,
Sim, lá me acharás.

REVOLUÇÃO

Todos os homens
Os pela dor deformados
Os pela fome quase vencidos.

As mulheres
Portadoras de mundos
Cujos filhos nascem mortos.

As crianças
- Ainda sobram sorrisos
Submersos em tanto pranto -

Juventude em mundo velho,
Morrendo por novo mundo
Que outros irão viver.

Da noite brotam conversas,
De alvorecer luminoso,
Que importa a luta de agora
Se de sol é o amanhã.

Surgem heróis das campinas,
Das fábricas e dos roçados,
Morrem homens vinte vezes,
Mas não morre a liberdade.

O povo ama seus mortos,
Não olvida os matadores,
Juventude em mundo velho
Limpará o mundo novo
Que outros irão viver.

INSTANTE

O raio de luz
Acendeu todas as coisas
E a vida anímica
Dos objetos
Se revelou

Na face desfeita
A sombra do pranto
Bem suave adejou.

POEMA PARA MEU IRMÃOZINHO MORTO

Os anos passarão,
Outras crianças colherão pitangas
E hão de correr do cachorro do vizinho,
Aqueles meninos teus companheiros
Serão velhos,
Avós,
Longínqua a juventude,
Afastada a infância.

Contigo não será assim:
Terás sempre onze anos
Na memória
Dolorosa
Dos que te amaram.
Mesmo quando encanecidos
Noivos te levaremos à praia,
Vendo o sol no mar
E em teus olhos belos
- Belos,
Tristes,
Tristeza de uma idade que não tinhas.

• • •

O menino que me chamar de "Fessora"
Terá sempre tua voz.
Serás a nossa criança,
Presente em tudo que for vida,
Alegria
E meiguice,
Só não estarás no quadrado estéril
Que procura te aprisionar.

Pois tu és,
E serás,
A infância bela e frágil,
Promissora e frustrada,
Que um dia há de se realizar,
Mesmo que seja
Em outras vidas infantis
A que nós garantiremos
O direito que te foi roubado:
Viver.

CANÇÃO MARÍTIMA

Que nome é esse: "Arataia?"
- É nome que veio do mar.
- Mas o mar sugere onda,
Espuma, gaivota e sonho
E ninguém está a pronunciar.
- Nas letras de "Arataia"
Tudo isso aí está:
É onda de luta e coragem
De bravos homens das águas
Empunhando pano branco
Que nem espuma do mar,
Que nem asa de gaivota
Sobre o navio a pairar,
Resume todos os sonhos
Da humanidade de hoje
Pois no mastro do "Arataia"
A bandeira canta Paz.

A BELLOYANIS

Tuas mãos de sonho,
Artífices mortos
Transmutados em flor,
Chegam a mim redivivas.

Há mundos de compreensão
No instantâneo
De tua face de barba não-feita.
Em que um sorriso é ainda
A mensagem de que sempre serás.

Tua realidade não é o pelotão
De fuzilamento
- Tua força não te permite ser cadáver -
Além drapejam bandeiras,
São rubras,
Ali tu estás.

SUAVE POESIA

É noite, Jean,
Noite escurá, amiga,
Noite que tua bravura ilumina

É noite de estrelas, Jean Sarkis,
Nela ouvirás
O clamor contra teus carrascos
E a nossa meiguice a te acariciar.
Descansa,
Em teus cabelos passeará o afago de nossas mãos
Enquanto construímos
O dia de tua vingança,
O dia de nossa vitória.

Jean Sarkis era militante do PCB e ficou preso por dois anos, a partir de 1951, por panfletar contra a participação do Brasil na Guerra da Coreia. Tornada símbolo da luta por liberdade política, recebeu muitas homenagens. Em 2014, porém, arquivos do DOPS revelaram que ela era uma agente policial infiltrada.

SILÊNCIO

Tudo quieto,
No coração da mulher
Gritam revoltas
Mas acabaram-se às lágrimas
Para chorar mais um filho
Morto.

A criança é só quietude
E nem mesmo as velas
Lhe iluminam as faces pálidas
Que a fome formou.

O pai
Silencioso medita,
Traça roteiros,
Há de um dia
- Custa o que custar esse dia -
Vingar os seus meninos
Que a mina,
A água da mina,
Os donos da mina
Não deixam viver.

Pela estrada cheia de poeira,
Negra do carvão que enriquece,
Negra do carvão que mata,
Pela estrada quieta de Criciúma
O cortejo se dirigia ao cemitério.

• • •

Tudo quieto,
Os sinos mudos, cúmplices,
Não espalham no ar a notícia do crime
- Fossem sinos verdadeiros
Estariam gastos de badalar -
Aspas quebram o silêncio
Duras, duras,
Sem comoção,
E os sinos comprometidos
Nada dizem, nada falam.

Os sinos falarão um dia,
Mas não dobrarão finados,
Serão sinos de alegria,
Que os pais do menino quieto
Em sua revolta surda,
Em sua luta quieta e firme
Farão o silêncio gritar.

O PATRÃO

Criciúma é negra,
Tem silicose,
Na casa pobre
Já falta o pão,

Mas o patrão,
Forte e sadio,
Dorme tranquilo,
Sonha dinheiro.

Da manhã quente
Da primavera
O menininho
Morreu de fome;

Foi bem em frente
Da prefeitura
Mas o patrão
Almoça e dorme.

Criciúma negra
Se levantou,
Ser um mineiro
É ser um homem

Bandeiras rubras
Bailam ao vento,
Falam da luta
E da vitória.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

E o patrão,
Louco de medo,
Manda a polícia
Contra os mineiros.

Desesperado,
Mal sabe ele
Que assim mais funda
Está ficando a sepultura.

MANHÃ

Em outras terras é dia pleno
De messe farta e de cantigas,
Por isso temos certeza:
Aqui também nós cantaremos
Quando a manhã conquistada
Inundar de luz nossas mãos
Fazendo todo ódio se transformar em construção.



'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

REVISTA SUL

EDITADA DE 1948 A 1957

-
- 60 Nove badaladas repletas de luar
 - 63 Dei um soco na janela da imaginação
 - 65 Balada da solidão
 - 67 Quase um sonho numa tarde de verão
 - 70 Poema
 - 71 Noturno dentro de mim mesma
 - 73 Litania da simplicidade
 - 74 Quando o vento brinca nas ruas
 - 75 Dos poemas de Eglê
 - 76 História
 - 78 A rosa na calçada
 - 80 Há uma voz que clama na noite
 - 82 Azul
 - 83 Verão
 - 85 Primavera

NOVE BADALADAS REPLETAS DE LUAR

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano I, número 01, janeiro de 1948, página 03

Contra o céu de um azul
Que ainda pode ser azul
Mas logo será negro
A árvore grande e calma
Tem um sorriso de alegria
Que surge com graça
- Estrela apressada
Tão cedo a brilhar
E há o mar, a praia as ondas
E há na rua, a gente que passa
Com pão e ilusões
Para se alimentar
Há minha tristeza à janela
Em busca de um sonho, da parte feliz do meu eu
Na árvore que não é grande nem calma
E fica bem perto de mim
Que não tem brincos de estrelas
Mas ramos desnudos
Que imóveis tremem de frio
Eu fui largada com lassidão
Os sonhos todos que usei reter
Depois com pressa e medo
Eu prossegui no atroz brinquedo
De expor pra mim
E para todo o meu redor
Sozinhos, desgarrados
Todos os anseios falhados do meu ser

• • •

O esqueleto da árvore
Caricata sem piedade
Coreógrafa do meu "eu"
Vestido de egoísmo, ambição e esperança
Recalques, complexos e amor
Dançou cruel sarabanda
Ao som da música sem sons
Do noturno da aniquilação
Eu ainda estava desnuda
De todo sonho e desejo
Quando o relógio bateu
Fazendo-me despertar
Foram nove batidas
Que vieram cheias de luar
Bailar sorriso e beleza
Ao som daquela sonata
Que tem um nome - viver
Eu tive então consciência
Da minha mocidade
Do tempo e da sede que eu sofro
De sentir ódio, amor, alegria
Lavar meus mundos com lágrimas
Encher tudo de riso
E nunca me saciar
Da minha árvore fantasma
Que imprimia dúvidas na luz
Recordando nas nuvens, no céu
Os ramos tristes vestidos
Com minha bagagem interior
Eu fui recolhendo de novo
Tudo que quero e desejo
Tudo que amo e odeio

• • •

• • •

Vieram junto com riso
Minhas tormentas também
Quando fiz o inventário
Da mobília do meu cérebro
Vi que lá fora no espaço
Talvez por culpa da lua
Ficara vibrando, perdida
Por entre raios de luz
Trauteada a "uma voz"
Aquela minha canção
Para ser moldada a duas vozes

DEI UM SOCO NA JANELA DA IMAGINAÇÃO

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano I, número 02, fevereiro de 1948, contracapa

Esse caminho único que amarra, que prende
Um só pensamento
Aniquilação
Fantasmas sempre os mesmos
Gemidos que até enervam
Num egoísmo que quer ser dedicação
A música repetida das neurastenias
A paisagem estreita da autocontemplação
Veio lentamente
Através dos vidros
A imagem doutras terras, o som doutro cantar
O suor, o sangue, o sonho doutra gente
A angústia de querer
Um frêmito de vida,
O calor, o palpitar do viver universal
E senti sob os dedos o empecilho transparente
Que é uma proibição.
Dei um soco na janela,
Deixei que fosse confuso
O panorama interior
Veio o tango, veio a rumba
Veio o capricho e a sonata
Caymmi, Beethoven, samba,
Macumba da mente
Em candomblés infernais.
O choro de todos que choram
Lavou o limo do Eu

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Cantei com os que cantavam
Encontrei por que lutar
Um pouco em tudo
Nunca num porto só,
Escancarei a imaginação
Tentando ser compreensiva
Procurando me dissolver
Para me realizar.

BALADA DA SOLIDÃO

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano I, número 04, junho de 1948, página 12

Sair andando
Nos lábios triste melopeia
De sons repetidos
Lamentosos
Tediantes

Ir por aí
Uma lágrima para cada tristeza
Um sorriso
Quase soluço
Para os que ignoram a alegria

Perambular...
Um segredo pr'a lua
Um murmúrio pr'o vento
Sonhos coloridos pr'as flores
E uma vontade enorme
De um abraço
Tudo irmanar

• • •

Fugir
Para me encontrar nos outros
Ignorar
O desfile incessante
Em fileira de um
Da humanidade
Esquecer
Meus recalques
Acabar, diluir
Meu egoísmo
E a dança ritmada
Da angústia de sofrimento e realizações
Sair, fugir, esquecer
Ir embora, ignorar...
Nada mais é que a procura
De "não ser" para não estar só
Mas eu não posso sair
Barreira de imensas insignificâncias
Me amarra, me prende
E mesmo amor
Não acaba a solidão
(Comunhão pressupõe dois
E é o ego que isola)

Num pensar de aniquilamento
Repito querendo negar
- Não estarei sempre só -
O eco da verdade responde:
- Sempre só...

QUASE UM SONHO NUMA TARDE DE VERÃO

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano I, número 06, dezembro de 1948, página 15

Quando a árvore da minha rua
Acaricia o céu
O sol logo responde
Numa gargalhada de luz
E as nuvenzinhas todas
Coram de rubro
Esmacendo logo
Num tênue adeus
É a tarde de verão que se despede
É um sonho, um quase sonho que se vai
Largando na nuvem mais brilhante
Caminhando pro horizonte, pra terra, para o jamais

As crianças fizeram suas rodas
O canto alegre encheu o céu
Soaram os sinos no morno da tarde
E a grama senti sob meus pés
Na fruta agreste, pitanga rubra
Havia gosto de vida, grande amargor
E os sons chegaram
Tão cadenciados
Que as palavras
Bailavam no ar
E eu sonhei
Ao fim do canto
"Margarida foi à fonte
Foi à fonte e não voltou..."

• • •

E o azul quente
Do céu tão meu
De uma rosa triste
Se recobriu
Ficando púrpura lá no horizonte
De onde o avião surgiu
E eu desejei prender-me às asas
Ser como um símbolo de libertação
Longos cabelos da cor do cobre
Saudando todos com grande amor
Me transformar quando na volta
Em sentimento sem ambição

Na angústia intensa
De exterior plácido
Dançaram flores
Brilharam sons
Enquanto as cigarras
E as borboletas
Criaram a música
Do movimento
Da sensação de poder ser

E o mar amigo
A grande calma
De quem guarda borrascas
Dentro de si
Mandou-me um suave, doce murmúrio
Pra eu responder, e eu me esqueci...

• • •

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Na tarde de verão que se despede
Há um sonho, um quase sonho que se vi
Na nuvem mais brilhante está largado
Para que volte amanhã todo orvalhado
Doutras terras, doutro azul, doutro cantar...

POEMA

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano II, número 07, fevereiro de 1949, contracapa

Coloquei de lado
A mente exausta
E ela se perdeu em turbilhões
Perdi meu canto
E o corpo tolo
Desorientado
Ficou na terra
Chorando enxague

Deslizaram por mim centenas de mundos
E passos marcaram a
De rastros sem rumos
Calcando por terra meus sonhos

Me contemplei
E tive pena de mim
Velha de todas as velhices
Esperança frustrada de todas as juventudes
Depois
Senti asco
De meu próprio eu

Pesquei meu cérebro no sumidouro
Abracei o meu cantar
Pesado de lágrimas
E de sonhos defuntos
E da ilha isolada
Bradei por irmãos

NOTURNO DENTRO DE MIM MESMA

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano II, número 09, agosto de 1949, contracapa

Texto escrito em Abril, 1949.

O abismo
E à fascinação do abismo
De meu "ego"
Olhar pra dentro
Ver-me repetida
Deformada
Diferente
Em mil pequenas ideias
Em um milhão de desejos

Agarrar-me à amurada
De meu ser exterior
E debruçar-me naquilo que sou
Escavação científica
Rude, pesquisante
Buscando-me
Tentando ver
Sem os espelhos anamórficos das
convenções

Ouvir a balada de solidão
Que quebra dentro de mim
E soltar ódio e amor
Em sarabanda cruel
No bate que bate do "tan-tan" da vida
Deixar que meneiem-se, requebrem e
dancem
Sonhos e sombras que há em mim

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Perceber os passos tênues da esperança
Sofrer no egoísmo dos incompreendidos
Meu carinho solitário
O medo de ser importuna
A tristeza de um gesto de amor
Que, sem querer quem sabe, não foi percebido

Procurar-me
Contemplar-me
Para ver se dentro de mim
Existe ao menos
Alguma coisa que não me deixe só

Ouvir, viver, sonhar
O meu noturno ego sonoro
Tentando escutar tua voz

LITANIA DA SIMPLICIDADE

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano VI, número 19, maio de 1953, página 20

Texto escrito em 1948.

A beleza das coisas simples,
A felicidade dos imensos nada,
Ser natureza unicamente
E tudo compreender

Ser simples,
Na simplicidade cheia de força
Que a natureza tem;
Me irmanar com a vida,
Senti-la profundamente,
Fazer em meu ser profundas chagas
Com a dor de todos,
E me sentir compensada
Na alegria do voo de um pássaro,
Na misteriosa poesia
De estrelas morrendo
Envoltas em luz
Ao dia surgir.

QUANDO O VENTO BRINCA NAS RUAS

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano VI, número 20, agosto de 1953, página 19

O papel que estava quieto, calmo, esquecido,
É convidado a largar o chão poeirento
Com marcas da vida da gente de rua.
E eis que a lição do menino vadio
(Quem pode estudar com o estômago gritando?)
Abandona num revoloteio
As frutas podres, restos de pão,
A botina velha,
E um velho soneto de amor,
E lá vai brincar, dançar, subir...

E o vento louco, estava insano,
Desfolha as árvores e veste o chão.
Faz do papel estranha flor
Plantada à força nos ramos nus.

Enquanto isso...
Na rua suja com lama e lixo,
As marcas tristes das vidas pobres,
Formam enfim um monte só
E é por isso que eu penso sempre
- Quando o vento sopra nas ruas pobres,
De gente triste com fome e doença -
Que ele é também grata esperança,
Como um símbolo,
Como um chamado de união.

DOS POEMAS DE EGLÊ

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Año VI, número 21, dezembro de 1953, página 23

Traducción castellana de Nélida Aurora Oviedo.

POEMA PARA MI PADRE

Fué bien temprana
El rocío era perla sobre el verdor
En canciones calladas en la garganta de los
pájaros
Todavía dormía la mañana.
Elévarente la vida y mi alegría.

Yo tenía cuatro años y la infancia terminó.

PRESENCIA

La noche es de Calma:
No veo paisaje,
No escucho rumor.

Aqui em mi cuarto
Yacen los libros
Por ello no estoy
En la noche sin nada.

En la sangre de la tierra,
En el sol de mañana,
Serena, gososa,
Si, allá me hallarás

Poemas publicados originalmente em Manhã.

HISTÓRIA

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano VIII, número 24, maio de 1955, página 39

Foi na flor do espinheiro
Ternura em meio à dor
Que ela ficou

Foi no som de uma palavra
Gemendo a morte da vida
Que ela parou

Nos bailados do luar
Beijando as casas sem luz
Ela partiu

Nos campos ensolarados
Enfeitados de crianças
Ela hesitou

Nos murmúrios que o regato
Cochicha à surdez das pedras
Ela esperou

No adeus de todo o dia
Sob a carícia do azul
Se perdeu

A alegria
Ficou tristeza imensa
Dor de planta machucada
Gemer de corda partida

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Tristeza
Que faz construir a alegria
De todos
Para poder sua alegria
Reencontrar

A ROSA NA CALÇADA

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano IX, número 26, fevereiro de 1956, página 46

Na rua de lama,
Na rua de gente:
A rosa na calçada.

Quem a colherá?
A rosa na calçada?

Quem a porá junto ao peito,
Esperança vermelha?
Quem fará de cada pétala
Ardente canção?

Será tu, menino infante.
Filho meu ou de Maria,
Que de passo titubeante
Se adianta para o dia?

Ou será tua mão viril
De juventude e ardor,
Nome de um, nome de mil,
Um só arrojo, um só valor?

Ou trêmulas mãos de avós,
Mãos de luta, mãos de afago,
Querendo afastar de nós
Tudo que é mau e pressago?

• • •

As tuas mãos, camarada,
Cujo nome eu não sei não,
A clarear a dura estrada,
Cercado pela reação?

As nossas mãos companheiro,
Companheiro e meu amado,
Para dar ao mundo inteiro
O viver reconquistado?

De nossa mão irmanada
Cresça a rosa
Flor de sol e vingança
Dos homens a esperança
Com nossa mão irmanada
Ergamos a rosa
Todos nós,
De mãos de ferro e alvorada.

HÁ UMA VOZ QUE CLAMA NA NOITE

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano IX, número 27, maio de 1956, página 51

Texto escrito em 1948.

O silêncio barulhento de mil pequenos ruídos
Vestido de negro trouxe fantasmas consigo,
Há um pouco de medo em cada claridade
E tudo, pequeno ou grande, tem jeito de imensidão.
Da noite sem lua, sem estrelas,
Sem namorados a passear,
Vem uma voz que pode ser a minha
Mas que é de todos nós,
Começa num gemido
Termina num clamor,
É a voz de gerações passadas,
De todos que esperaram
E tentaram realizar,
É a amargura
De toda a mocidade
Que quer viver, sentir, amar,
Fazer um mundo que é todo seu
Mas tem a energia hipotecada
Aos que monopolizaram a vida;
É o grito desesperado
Dos que sentem no viver
A amputação contínua
De tudo que é luta, que é bom, que é amor;
É o grito dos sem pão, sem terra,
Sem letras e sem sonhar;

• • •

É o grito dos vagabundos, nos "nada",
É o grito da infância
Que não pode brincar.
É uma voz que clama na noite,
Que nos envolve, que nos dilui,
Não é doce nem suave
É magnífica e linda, em seu horror;
Tem amargura na meiguice falhada.
E ódio para os que negaram amor
E ao mesmo tempo é suave e bela,
Alegra, encoraja, consola
Porque a voz que clama na noite
Tem por eco a AURORA.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

AZUL

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano IX, número 28, dezembro de 1956, página 27

Texto escrito em Novembro, 1956.

A THING OF BEAUTY IS A JOY FOREVER – KEATS

A beleza é constante:
Momento de espanto em meio ao repouso,
Garganta de ave cindindo o silêncio,
Planície de enlevo anulando o fragor.

É perene
e renovada
como esse dia
de sol, igual a muitos outros,
em que a carícia do vento
cria folhas a bailar.

O espaço,
que se joga no infinito,
é azul
da cor do pensamento calmo
depois do tempo aflito.

VERÃO

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano X, número 29, junho de 1957, página 17

As paredes são permeáveis:
Estranhos sons
De céu azul,
Flores murchando
Sob o mormaço,
Perfume quente,
Promessa
De fruto doce
Em canção de pássaro.

Raro,
Sempre almejado,
Bem estar em meio aos seres.
Quase nada para dizer,
Talvez a aranha bailarina
Tenha mensagens
Nos fios voláteis.

Tudo é por si só
E apesar de mim,
Mas me desfaço
Na luz que invade
Tudo que vive
Compreendo os sonhos da ventania.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Num manso abrigo,
Com doce enlevo,
Quisera falar
Da humanidade,
Mas a quietude
Fica inconsútil.

Não sou poeta hoje
Embora esteja toda poesia.

PRIMAVERIL

REVISTA SUL

Florianópolis-SC, Ano X, número 30, dezembro de 1957, página 67

Um jeito tão particular em tudo
Que o estado de poesia é compulsório,
Antes fosse compulsória a dádiva da
expressão.

Como gravar aqui, neste papel,
Em que meu filho exercitou sua analfabeta
datilografia,
A graça desse gesto
E o encanto deste dia?



ESPARSOS

-
- 88 É preciso cantar antes que venha a dor
- 90 Libertação
- 91 Libertación
- 92 A cadeira
- 94 La silla
- 96 Aquarela
- 97 Acuarela
- 98 Sem título
- 99 Marinha
- 100 O velho militante

É PRECISO CANTAR ANTES QUE VENHA A DOR

FOLHA ACADÊMICA

Sem Data

Eu quero que todos os raios de sol
Venham beijar meu corpo
Eu quero pela manhã
Sentir-me nascer em cada flor aberta
E ter a sensação de vida
Em cada gosto que fizer
E agora, quando as aves e as flores
Cantam cores e som
E o mar ensaia de dia
O acalanto pr'a lua
Tudo manda que eu cante
Antes que tudo se cale
Minha confiança na vida
Devo demonstrá-la agora
O beijo que tenho nos lábios
Devo oferta-lo a alguém
A ternura que possuo
Minha ânsia de dedicação
Devo entregá-las sem medo
Para cantar inteira minha canção
É preciso cantar antes que venha a dor
Antes que cada dia seja morte renovada
Antes que minha ternura
Seja amargor e tristeza
Antes que o riso e o amor
Venham com rótulo "saudade"

• • •

E que na casa dos sonhos
Haja um "para alugar"
É preciso que eu cante
Que dance, viva e ame
Seja raio de lua e brilho de sol
Que esteja no riso dos que se querem
Na beleza dos que sonham
Na fé dos que esperam
No pão dos que têm fome
Na alegria das crianças a brincar
É preciso ao menos
Que eu tente modular o verso
Para quando tudo tiver acontecido
Tudo que aniquila, desespera, corrói
E eu for sozinha pela estrada
Se adivinhe um pouco de música
Na garganta que geme a canção que não cantei.

LIBERTAÇÃO

ILHÍADA: UMA TREZENA LÍRICA

Coletânea. 1995, Editora Athanor, Florianópolis, p. 51-57

Apoio cultural Fundação Franklin Cascaes. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Asas prontas para voar
E nos pés as galés da infância
Braços abertos para o mundo
E no coração o terror da infância
Lábios prontos para o amor
E na língua o sabor da infância

Onde quer que eu viva
Lá estou vivendo
Gestos repetindo
Soluços sufocando

Afogando-me em meu próprio ser

Quando um dia
Tudo já não for
Quem sabe eu reencontre
As horas de riso e luz
O calor de um abraço
Que me faça viver por inteiro
Pés sem âncoras
Alma sem ódio

Liberta do ontem
Moradora do hoje e do amanhã

LIBERTACIÓN

ILHÍADA: UMA TREZENA LÍRICA

Coletânea. 1995, Editora Athanor, Florianópolis, p. 51-57

Tradução Pedro Port e Arturo Terrizzano.

Apoio cultural Fundação Franklin Cascaes. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Alas prestas para volar
Y en los piés los grilletes de la infancia
Brazos abiertos para el mundo
Y en el corazón el terror de la infancia
Labios prestos para la labor
Y en la lengua el sabor de la infancia

Donde quiera que yo viva
Allá estoy viviendo
Gestos repitiendo
Sollozos sofocando
Suelta, náufraga
Ahogandome en mi propio ser

Cuando un día
Todo ya no fuera
Quién sabe yo reencuentre
Las horas de risa y luz
El calor de un abrazo
Que me haga vivir por entero
Pies sin anclas
Alma sin odio

Liberta del ayer
Moradora del hoy y del mañana

A CADEIRA

ILHÍADA: UMA TREZENA LÍRICA

Coletânea. 1995, Editora Athanor, Florianópolis, p. 51-57

Apoio cultural Fundação Franklin Cascaes. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Cadeira
Uma cadeira
Sala
Um canto da sala.
Agora é errado dizer:
Avô
Um avô na cadeira a um canto da
sala.

É um erro constante
Definitivo
Sem possível mudança de regra
natural,

É um erro que dói.
Dói dor de vazio,
De sorriso alinhavado
Pronto a de descosturar no pranto,
Pranto corrosivo seco
Há muito já começado
Que avô soube atenuar.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

Não quero sentir saudade,
Meus olhos não vão chorar.

Está errado

- Errado -

Mas grito

E vejo

E beijo

E sinto

Pai-avô

Avô na cadeira a um canto da sala.

LA SILLA

ILHÍADA: UMA TREZENA LÍRICA

Coletânea. 1995, Editora Athanor, Florianópolis, p. 51-57

Tradução Pedro Port e Arturo Terrizzano.

Apoio cultural Fundação Franklin Cascaes. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

Silla
Una silla
Sala
Un rincón de la sala.
Ahora es errado decir:
Abuelo
Un abuelo en la silla en un rincón de
la sala.

Es un error constante
Definitivo
Sin posible mudanza de la regla
natural,

Es un error que duele.
Duele dolor de vacío,
De sonrisa hilvanada
Presta a descoserse en el llanto
Llanto corrosivo seco
Hace mucho iniciado
Que el abuelo supo atenuar.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

No quiero sentir nostalgia,
Mis ojos no van a llorar.

Está errado

- Errores -

Pero grito

Y veo

Y beso

Y siento

Padre-abuelo

Abuelo en la silla en un rincón de la sala.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

AQUARELA

ILHÍADA: UMA TREZENA LÍRICA

Coletânea. 1995, Editora Athanor, Florianópolis, p. 51-57

Apoio cultural Fundação Franklin Cascaes. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

A manhã tão leve
Se esgarça onde o horizonte
Acaba
Começa
No voo silente do pássaro
No cheiro acre
De distante maresia
Peso secular
De muitas infinitas
Já defuntas
Manhãs

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

ACUARELA

ILHÍADA: UMA TREZENA LÍRICA

Coletânea. 1995, Editora Athanor, Florianópolis, p. 51-57

Tradução Pedro Port e Arturo Terrizzano.

Apoio cultural Fundação Franklin Cascaes. Prefeitura Municipal de Florianópolis.

La mañana tan leve
Se rompe donde el horizonte
Acaba
Comienza
En el vuelo silencioso del pájaro
En el olor acre
De la distante marejada
Peso secular
De muchas infinitas
Ya defuntas
Mañanas

SEM TÍTULO

VECCHIETTI PÃO-POR-DEUS

Versos populares da Ilha de Santa Catarina. Página 45-47

Ministério da Cultura, BADESC, Eduardo Paulo Engenharia e Construção, Eletrosul.

Do Folclore Catarinense. Desenhos aquarelados de Pedro Paulo Vecchietti.

Mil estrelas cadentes
vão neste pão-por-Deus,
para realização dos ardentes
anseios e sonhos teus.

Estão neste pão-por-Deus
os anelos de toda uma vida:
ser cidadã respeitada e consciente,
por seu companheiro muito querida.

Um pão, pelo amor de Deus,
e também ansiado emprego,
pois aqui no Brasil real
a fome não dá sossego.

MARINHA

REVISTA SUL

Edição Especial, Florianópolis, 2004, p.28

Texto escrito em 1993.

O ritmo incessante das montanhas
Nas fulgurações do azul,
Translúcidos mistérios tremeluzem
No espelho das águas
E do útero imemorial
Anêmonas e caracóis sussurram seus
segredos.

Num átimo de instante
As asas adejantes se transmutam
Em seta
E o raio da prata
É prosaica proteína animal

O VELHO MILITANTE

CARTAZ

Cultura & Arte

Florianópolis, 2008, Ano V, No 29, Editora Empreender, ineditus, p. 76

Porque jaz no mar esta ilha
E dentro dela seu povo
De amar, de odiar e de novo amar
Porque se indagou e buscou
a validade das vivências
e o sentido do existir
E até quando, até como, até onde
engrenamos sem nos trair
É que me lembrei de ti
companheiro das muitas saudades
Sempre construindo
- grãos de areia pelo vento -
Sempre esperando
- oh postergado amanhã -
Coração a estourar pelo alegre e pelo triste
espargido no espaço com o primeiro Sputnik
E nesta ilha e seus humanos seres
tinhas a mente orientando
o impulso do sentir
Em tua vida tão de gente
tal um bicho
Vivias assim
sem saber viver diferente.

Auto-retrato

Não a face,
A essência.

Quem diz que o rosto é o rosto?
Quem diz que o sorriso é o sorriso?
Quem diz que o olhar é o olhar?

Exatidão angustiosa e solenidade,
Visto das coisas em sua nuance,
E sempre esta ansiedade,
Talvez hastiosa ansiedade,
Esta é como flores
De alambicamento ante o peso de
Mentira (falso de simulação)

Maldade imperfeita
A face fletida o rosto

Paris (1968)

Lygia Barreto

INÉDITOS

-
- 104 Palavras ao que viverá só
105 Paisagem
106 Sem título 2
108 Eterno
109 Poema da ausência
110 História 2
111 Verão 2
112 Trajetória
113 Poema do só
114 Autorretrato
115 Numa exposição
116 Acalanto
117 Em busca da melodia
119 Jornada
120 Oferenda 2
121 Poema da estrada
124 Poema sombrio
126 Sem título 3

PALAVRAS AO QUE VIVERÁ SÓ

Texto escrito em Janeiro de 1948.

Depois, quando fores solitário
Em busca do teu caminho
De teu mundo
De teu Eu
Terás por sombra um sorriso
Por alento uma confiança
Na tua auto-realização
Serão meus o sorriso e a confiança
Que eles sejam "lâmpada para teus pés
E luz para tua vereda"
Eles não sairão de mim
Eu é que irei neles
Em qualquer gesto de carinho que recebas
Estará presente a minha ternura
Nos beijos de amor que te derem
Haverá um pouco de meu coração
Em minha solidude
Ao lado de tua lembrança
Eu viverei da esperança
De que ao menos bem no fim
Tu queiras vir-me encontrar

PAISAGEM

Texto escrito em Setembro de 1949.

Ainda há restos e luar
Perdidos por entre as folhas
De árvores difusas
Se olhando no rio.

Me movimento
Mas fico,
Devoro as horas,
Que alongam minha saudade,
E as transformo em sonhos.

Teço cartas no luar:
O rio as leva chorando,
Só ficam árvores
E as tristezas
A me embalar

SEM TÍTULO 2

Texto escrito em 30 de janeiro de 1956.

Vê, querido
Isto que é nosso
A ternura
(que dá vertigens
e chega a ser desintegração);
O amor
(que nos fundiu num só bloco
e agora tua ausência é perda de mim mesma);
O desejo
(que nos abrasa como no primeiro dia
e se transformou num milagre de vida e meiguice);
Nossos filhos
(que nos limitam e nos tornam infinitos
crescidos em mim, vindos de ti);
A camaradagem
(quase de irmãos, que nos faz palestrar
horas a fio, em assuntos sérios e transcendentais);
E depois
Um riso teu,
Um muxoxo meu,
A discussão em torno de um pronome,
As tardes passadas entre papéis,
As noites ao pé da eletrola
Ouvindo a música que vive em nós;

Tudo isto
E tudo o mais:
As nossas tristezas choradas juntas,
As nossas saudades em comunhão;
Isso que é nosso,
Nosso será até o fim.

'MANHÃ' E OUTROS POEMAS

• • •

No futuro,
Ao te fazer outro poema
- Dádiva, oferta, acolhimento -
Ainda as mesmas palavras
Serão pronunciadas
Porém mais prenes ainda
De significação

ETERNO

Texto escrito em Fevereiro de 1957.

Porque existes
Mais dura foi a despedida
Fundo chamava
Para que tua mão
Me fizesse ficar.

Recuaram sons de Bach
Que a morte não é doce
Quando se é toda esperança.

Me desfiz inteira
Em pensamento de amor
Sorrindo chorava o Adeus.

Quando de leve
A noite foi embora
Tudo estava como fora:
Tu ao meu lado,
E nosso mútuo querer.

POEMA DA AUSÊNCIA

Texto escrito em Março de 1957.

Tu levaste o sol,
Tu levaste o riso,
Prá longe roubaste o céu e o mar.
Estranhas coisas sucedem na geografia:
Em terras de brumas, lá está o calor.

Aqui fiquei eu,
Aqui a chuva e a ventania:
Estou sozinha
e estou metade.
A metade triste
que não espera e sempre chora.

Volta, Amor,
Traz-me de volta,
Devolve a que ria, que espera, a que canta.

HISTÓRIA 2

Texto escrito em Novembro de 1957.

Passam mundos e deuses
Na lista seca,
Angústia preparada em fatias
Para o examinando.

As coisas belas se estiolam
Desde que catalogadas:
Será humano tratar assim o que já foi?

Neste cheiro de glicínia
(Milagre do passeio matinal
E da meiguice de nossa filha)
Voltam tardes de encanto
E manhãs de espera.

Fico adolescente deslumbrada
E se enche de sol
A minha provisória solidão noturna.
E isto é vida
Mas não é História.

VERÃO 2

Texto escrito em Dezembro de 1957.

Há encanto neste desvão
Atravancado de livros
Cheios de mágoa e tristeza,
Porém o grilo,
Aqui da janela,
Deles extrai esperanças:
É só escutar.

TRAJETÓRIA

Texto escrito em Maio de 1958.

Os longos caminhos enevoados
Povoados de sonhos
Pés de âncora
No presente, que deve ser passado

Os duros caminhos desvendados
Sem lirismo e sem canto
Pés de força e esperança
No presente, argila do porvir

Os nítidos caminhos conquistados
Feitos de arrojo e poesia
Pés de raízes plantadas
Bem fundo na terra dos homens.

POEMA DO SÓ

Texto escrito em 1961.

Solidão
Solidão
Solitários e solidão

Muros de eu
Abismos de meu
E eco
Meu Teu Seu
Eu

Transida
Limitada no eu
Só
Eu
Outros

Suave reflexo
Eco-esperança e amplexo
Eu
Nós nosso
Toda a gente
Simples gente
Sem solidão
Sem escravidão
Eco
Sol
Só

AUTO-RETRATO

Texto escrito em 1968.

Não a face,
A essência.
Corpo ágil e rosto liso
Quem desvela o sorriso?
Quem penetra o olhar?
Exausta angina soluçante,
Visão das coisas em crua nudez,
E sempre esta ânsia,
Talvez rasteira ansiedade,
Este como florir
De alumbramento ante poeiras de luz
(Renitente fiapo de juventude)
Máscara imperfeita
A face filtra o rosto

NUMA EXPOSIÇÃO

Texto escrito em 1968.

Existem as coisas
E seu reflexo
Existem as dores
E seu lamento

Artista
Testemunha de seu tempo
Semi-cerrados olhos
Manuseia
Translúcido
Transparentes
Oníricas
Verdades

Existem as coisas
Existem as dores

Fecham-lhe os olhos
Tapam-lhe a boca
Cerram-lhe os ouvidos
Artista
Relutante vítima de seu tempo
Teimoso reflexo e lamento

ACALANTO

Seguro minha filha nos braços
E sinto dentro dela
O pulsar de outra vida

Poderá ela
Repetir o gesto?

Que nossas mãos
Que nossos atos
Cantem a canção de ninar
Do agora e do futuro
Enxotando o átomo assassino

EM BUSCA DA MELODIA

Um punhado de sons
Aspergidos no mundo
Rocio de música
Ar de ballet

Harmonia
Ritmo
Dança
Em tudo que existe
Na rocha calada
Talvez estátua amanhã

Cacofonia
Rudeza
Atonia de tardes cinzas
Imobilidade de mentes mortas
Ecos
Ecos de canções
Restos de cantares

Melodia difusa
Esquecida e presente
Segredos de uma canção
Talvez amor
Talvez ódio
Talvez paz

• • •

Música que escorre na gente
Levando cadeias
Quebrando barreiras
Alegria e tristeza
Sons perdidos
A expressar
O canto amargo
O canto meigo
De nosso triste "eu"

JORNADA

PARA TÂNIA E SUA EQUIPE

Pés no chão
Almas no sonho
Caminhamos
Olhando, vendo, sofrendo e amando
Lendo
O mundo e sua cruel realidade
Lendo
A coragem e a alegria que a vida garantem
Lendo
Os poemas, os livros, os filmes e os seres
Para ter forças
Na jornada por um mundo fraterno

OFERENDA 2

Toma o azul translúcido do céu,
O meigo farfalhar dos ramos da figueira,
Prende em teus olhos o cristalino oceano
Nas verdes manhãs de sol,
Conserva a quietude da serra ao longe

Acrescenta mil guizos
De risos
De crianças mil

Apossa-te dos sonhos todos
Da fantasia infantil

É tudo teu:
A juventude e a beleza
A esperança e a bondade

Como também é tua,
E para sempre,
Minha amizade

POEMA DA ESTRADA

O tempo
O tempo não existe mais
Era relação
Agora só o absoluto
E o pensamento do tempo
E o que não posso ter.
São horas
são séculos
Minhas mãos no amplexo
Ao guidom do caminhão
Já estão anquilosadas
O abismo
Não devo olhar o abismo
E os meus pés do breque
Jamais se afastarão

No socavão escuro
Pirão de ferro e sangue
Está Joaquim
Aquela massa informe
Ainda um homem é
Grita urra estrebucha
As tábuas sobre ele
Matam de uma vez
Quem aos poucos estavam matando

• • •

A ponte ruiu
O silencio acabou
Na revoada dos pássaros
O dia mais cedo acordou
E eu sobre o abismo
Sem nada a fazer.
Nem ao menos piedade
Nem ao menos terror

Grudado ao maquinismo
Sem saber quando ou como
Daqui vão me tirar
Quando um grito escuro
Da garganta me partiu
Quase que me larguei
Mas lá embaixo negro Joaquim
Louco, por sua negra a chamar
Me fez ao meu inferno
Com mais força me aferrar.

• • •

• • •

A madeira nos chupou
O sangue bem devagar
Ela agora nos mata
Sem pressa de acabar
Acabar
Acabaar!!
Acabar a casa prá ter onde morar.
Deixa Gretchen, não é demais
Só um mês de trabalho extra e casa
A c a b a r
Dois dias nessa agonia
Nada da criança nascer
Um filho
Oh que vida há de ter
- Manuel!
MANUEL!
Não esse não é meu filho
É grito de Joaquim.
Lá está pasta informe
Que não morre pela dor
Morre um pouco num desmaio

POEMA SOMBRIO

O canto é grave
Devem entoá-lo
FACES doridas
Crianças de olhos verdes
E mulheres sentindo
A dor do parto

E é triste
Na tristeza
De quem procura ser feliz

Gemidos silenciosos
E contidos
De mil séculos
E mil mortes

Hora de angústia
De pavores ignotos
E incertos amanhãs
Porque há muitos amanhãs
(Um radioso)
Nos encontraremos
Amanheceres
Tinto de sangue e estertores
E o homem é fraco
E anseia a paz

O canto é grave
Doloroso
Como o horror da fêmea
Que cria mais "um"
Para sofrer crimes
E cometê-los

• • •

O canto é bárbaro
Feroz revoltado
Pleno da bagagem interior
De recalques e medos
Armas do homem

O canto
É dor e angústia
Cerremos os punhos
O coração
Cheio de estoica certeza
Não deixando o ódio
Tudo destruir
Buscando vida no amor
Porque o canto é grave
E o homem
Morre querendo a paz

SEM TÍTULO 3

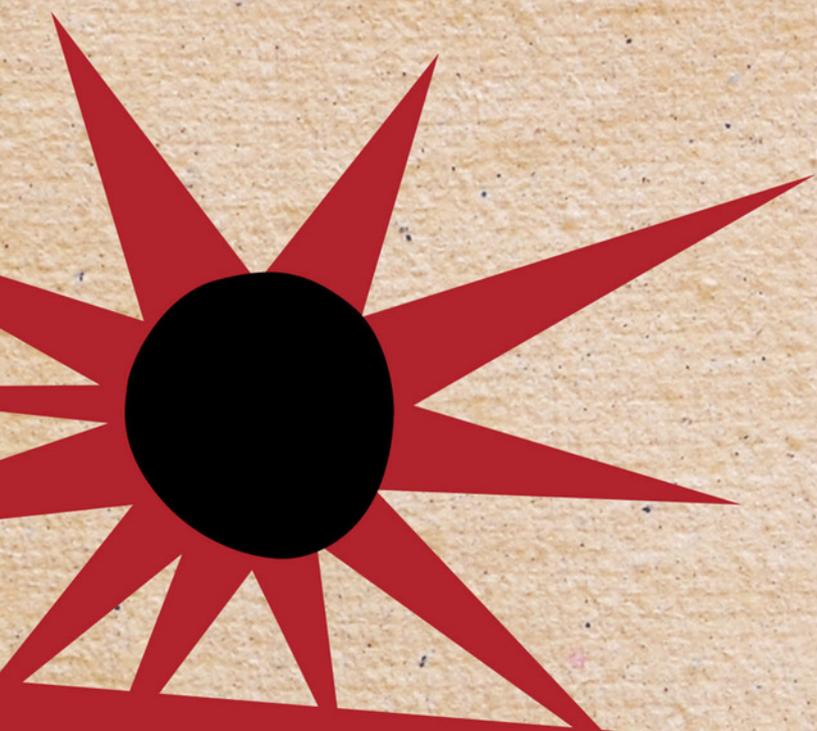
*"Eu nem suspirar sabia
Antes de te conhecer
Mas depois que vi teus olhos
Sei suspirar sei morrer..."*

Os teus olhos estrelas retratam
Os teus lábios são cor de carmim
Teus encantos me prendem me matam
Ai! Loirinha tem pena de mim!

Busco a campina serena
Para livre suspirar
Cresce o mal que me atormenta
Aumenta-se o meu penar

Se ao brando rio procuro
As minhas penas contar
O rio foge de ouvir-me
Aumenta-se o meu penar

Se ao terno canto de uma ave
Vou meus gemidos juntar,
Emudece o passarinho
Aumenta-se o meu penar



TOS + MANHÃ + REVISTA SUL + ESPARSOS + INÉDITOS +